

Índice de Bem-estar Urbano da Região Metropolitana de Fortaleza (RMF)

Dr. Alexandre Queiroz Pereira
Universidade Federal do Ceará (UFC)
aqp@metrowiki.net

Ms. Cleiton Marinho Lima Nogueira
Universidade Federal do Ceará (UFC)
cleitonmarinho10@gmail.com

1 Introdução

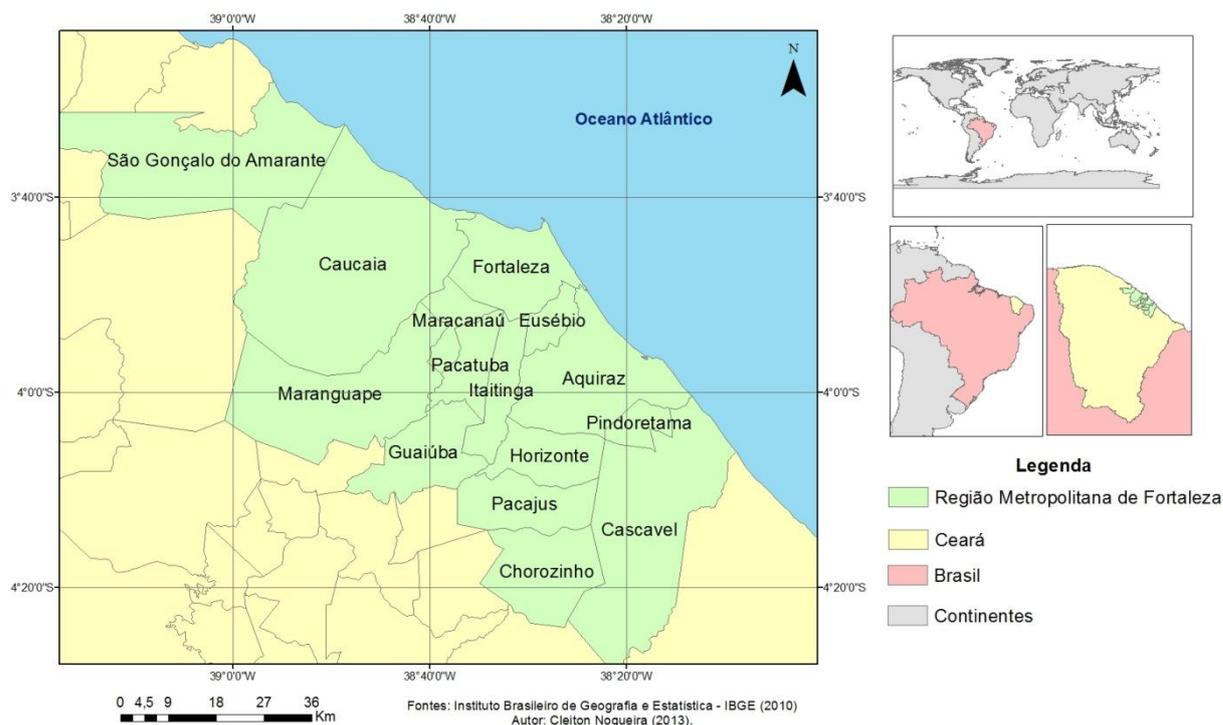
A institucionalização e o crescimento das regiões metropolitanas são fenômenos marcantes da urbanização contemporânea no Brasil. Esses processos são resultados de diversas condicionantes que, simultaneamente, produzem efeitos complementares e contraditórios: concentração demográfica, ampliação da diferenciação social e a fragmentação socioespacial do tecido urbano (SPOSITO, 2006). O tecido urbano metropolitano é assim, exemplo da diversidade social nas suas dimensões econômica, cultural, política e espacial.

Na região Nordeste os espaços metropolitanos, diante de fragilidades político-econômicas de centros urbanos secundários, tornam-se mais enfaticamente espaços de comando da hierarquia urbana (REGIC, 2007). A constituição da Região Metropolitana de Fortaleza é exemplo cabal desse quadro (SILVA, 2007). Em termos demográficos, a RM de Fortaleza concentra 42,8% da população cearense¹ (IBGE, 2010). Com produto interno bruto superior a R\$ 43 bilhões, a RMF abarca 67,7% de toda a riqueza produzida no Estado (IPECE, 2012).

Se na escala estadual é perceptível a concentração, na escala intrametropolitana são latentes as desigualdades econômicas e sociais. A RMF acumula a maior parte das riquezas produzidas no Estado, mas, também, uma expressiva desigualdade social confirmada em sua morfologia urbana e em seus indicadores sociais². Diante deste quadro socioespacial multifacetado, fragmentado e articulado, torna-se questão relevante a compreensão das condições de vida constituídas nos espaços metropolitanos.

¹ A concentração tem significado ainda maior quando se percebe que a população do município de Fortaleza alcança o percentual igual a 29% do total estadual.

² O relatório da Organização das Nações Unidas – HABITAT de 2012 considerou Fortaleza a segunda metrópole mais desigual do Brasil. Esse fato é, também, um dos reflexos da expressiva concentração mencionada que engloba diferentes grupos sociais no mesmo território municipal.



Mapa 1- Região Metropolitana de Fortaleza
 Elaboração: Cleiton M. L. Nogueira
 Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística- IBGE

O Índice de Bem-estar Urbano (IBEU) criado pela rede de pesquisas INCT Observatório das Metrôpoles com o objetivo de avaliar o bem-estar dos cidadãos residentes nas metrôpoles brasileiras pode contribuir para aprofundar o conhecimento sobre as desigualdades socioespaciais existentes na RMF.

O índice possibilita análises em três diferentes escalas: entre as metrôpoles, entre os municípios metropolitanos e entre bairros (áreas de ponderação). É calculado a partir de cinco dimensões: mobilidade urbana, condições ambientais urbanas, condições habitacionais, serviços coletivos e infraestrutura³. São utilizados na construção dos índices dados do Censo Demográfico 2010 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

A concepção de bem-estar urbano utilizada *decorre da compreensão daquilo que a cidade deve propiciar às pessoas em termos de condições materiais de vida, a serem providas e usadas de forma coletiva* (RIBEIRO; RIBEIRO, 2013, p. 6).

³ Para maiores detalhes sobre a metodologia de criação do IBEU, ver o livro **IBEU: índice de bem-estar urbano**. Disponível em: http://www.observatoriodasmetrolopes.net/images/abook_file/ibeu_livro.pdf

Os índices criados pela rede de pesquisa foram divulgados em meados de 2013. No estado do Ceará, os principais veículos de comunicação divulgaram os resultados do IBEU enfatizando as condições desfavoráveis de bem-estar urbano da RMF quando comparada a outras regiões metropolitanas do País. Neste artigo os resultados do IBEU serão comentados à luz das pesquisas realizadas pelo Observatório das Metrôpoles - Núcleo Fortaleza e por outros pesquisadores do espaço metropolitano de Fortaleza.

No tópico dois será realizada uma breve análise sobre o IBEU global da RMF e, em seguida, no tópico três, os dados do IBEU local serão abordados de maneira mais detalhada.

2 Fortaleza e o IBEU Global

Dentre as escalas espaciais de análise, o cálculo do IBEU permite a avaliação comparativa do contexto da RM de Fortaleza em relação às demais aglomerações urbanas de caráter metropolitano. O índice geral evidencia o quanto às desigualdades regionais são marcantes na constituição das metrôpoles. Ao observar o gráfico 1, constata-se que das seis regiões metropolitanas abaixo da média nacional, cinco estão localizadas nas regiões Norte e Nordeste. A exceção é o caso do Rio de Janeiro. A RM de Fortaleza apresenta índice mediano de 0,564, contudo, bem distante dos índices de Campinas, Florianópolis e Curitiba, respectivamente, as três com melhores quantitativos (Gráfico 1).

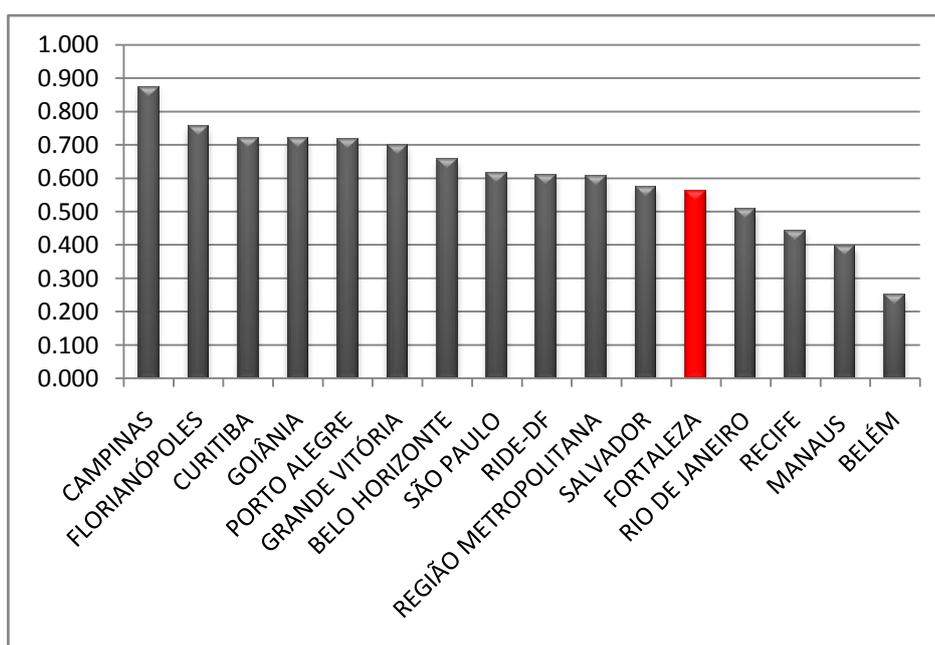


Gráfico 01. Índice de Bem Estar Urbana Global

Em livro dos anos 1990, Manuel Correia de Andrade, destaca *o crescimento desordenado das cidades* como um dos principais problemas na formação regional nordestina. O autor menciona a avaliação de Gilberto Freyre que caracterizava, à época, as transformações nas cidades nordestinas como derivadas não do crescimento, mas do “inchaço”. Neste contexto, Andrade (1993) foi além e detalhou o panorama urbano problemático, ainda hoje não superado.

As cidades ficam superpovoadas, as pessoas se marginalizam, por não encontrarem trabalho, se ligam a atividades informais, ou, pior ainda, enveredam pelo roubo e a prostituição. Observa-se então uma queda do padrão arquitetônico e social das cidades. Do ponto de vista arquitetônico surgem os bairros marginais, formados por habitações que não atendem a um mínimo de conforto e higiene, formando favelas que muitas vezes abrigam percentuais muito elevados da população urbana [...]. Naturalmente que a repercussão social destas aglomerações traz sérios problemas de ordem sanitária e política. (ANDRADE, 1993, p. 53)

Para a Região Metropolitana de Fortaleza, o contexto anteriormente descrito pode ser caracterizado ao analisar o desempenho desta aglomeração urbana nas dimensões integrantes do IBEU. Das cinco dimensões, a RM de Fortaleza aparece acima da média nacional apenas em uma: mobilidade urbana. Neste quesito, a metrópole cearense apresenta índice igual a 0,790, o terceiro melhor entre todas as aglomerações analisadas, inclusive as demais nordestinas (Salvador e Recife). Vale mencionar que o resultado é obtido quando se analisa o tempo médio de deslocamento casa-trabalho.

Nas demais dimensões, a RM de Fortaleza, comparativamente, aproxima-se dos piores resultados, seguindo assim situação semelhante as demais metrópoles nordestinas. No que se refere às *condições ambientais urbanas* (arborização, condições de esgoto e forma de deposição dos resíduos sólidos), a RMF registra o quarto pior índice:0,498. Situação semelhante ocorre nos quesitos *atendimento de serviços coletivos* (abastecimento d'água, esgotamento sanitário, energia elétrica e coleta de lixo) e *infraestrutura urbana* (iluminação pública, pavimentação de vias, calçadas, meio fio, rampa para cadeirantes, entre outros) posto ocupar, em ambos, o quarto pior desempenho, com índices inferiores a 0,500.

Na dimensão *condições habitacionais* (avalia as características físicas da moradia) a RMF apresenta índice considerado mediano (0,613), todavia abaixo da média geral, ocupando assim o quinto pior resultado.

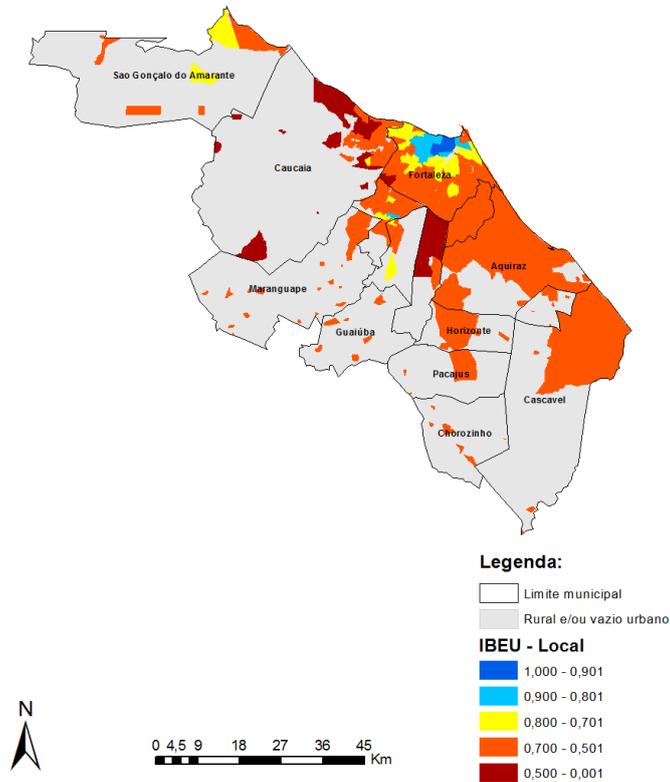
Uma breve análise comparativa que leva em consideração as dimensões integrantes do IBEU demonstra que as políticas públicas de construção e fortalecimento de novas atividades econômicas elaboradas pelos governos ditos modernizadores não foram capazes de solucionar significativamente as problemáticas sociais. Ainda são enormes as desigualdades entre a RMF e as demais metrópoles da chamada região concentrada do Brasil (SANTOS; SILVEIRA, 2008).

2.2 IBEU Local da RMF

Conforme indicado anteriormente, o IBEU também foi calculado na escala intramentropolitana. Ao analisar os dados fica nítida a concentração das áreas de maior bem-estar no setor centro-leste da cidade de Fortaleza. Portanto, verifica-se a sobreposição entre as áreas de maior bem-estar e os bairros de maior prestígio social de Fortaleza. As áreas com excelentes indicadores de bem-estar foram: Meireles (0,954), Joaquim Távora (0,929), Fátima (0,927) e Aldeota (0,905). No entorno dos bairros com elevado índice de bem-estar encontram-se os bairros com indicadores considerados bons.

Já nas áreas de expansão do tecido urbano de Fortaleza estão localizados os bairros com indicadores classificados entre médio e ruim. Notadamente, eles situam-se na periferia geométrica de Fortaleza. No bairro Siqueira, periferia sudoeste de Fortaleza, está a área de ponderação com o pior índice de bem-estar de toda RMF (0,417).

Índice de Bem-Estar Urbano (IBEU - Local) - Região Metropolitana
de Fortaleza - 2010



Observa-se também, a total ausência de áreas de ponderação com indicadores situados na faixa que vai de excelente a bom nos municípios periféricos da RMF. Em Itaitinga e Caucaia concentram-se as áreas com os piores índices.

2.3 Fortaleza, o IBEU Local e suas dimensões

2.3.1 Mobilidade Urbana (D1)

Para a elaboração desta dimensão do IBEU foi utilizada a variável *tempo de deslocamento casa-trabalho da população ocupada*, presente no censo demográfico 2010. A análise dos indicadores de mobilidade urbana na RMF deve ser realizada considerando as já mencionadas desigualdades econômicas, demográficas e, de maneira especial, as desigualdades espaciais existentes em seu recorte territorial. A princípio, ao analisarmos apenas os dados do indicador de mobilidade em Fortaleza, percebe-se que as áreas de ponderação que apresentam números mais positivos estão concentradas,

sobretudo, no setor centro-leste e sudeste de Fortaleza. Entre as áreas da capital que se encontra em um patamar considerado excelente estão: Centro (0,978), Meireles (0,972), Fátima (0,964), Aldeota (0,946), Papicu (0,941), Joaquim Távora (0,933), São João do Tauape (0,913), Presidente Kennedy (0,901).

Já as áreas de ponderação com indicador de mobilidade considerado bom estão localizadas, principalmente, no setor sudeste da cidade, a exemplo dos bairros: Cocó (0,896), Messejana (0,893), Jardim das Oliveiras (0,857) e Sapiranga (0,856).

Diante dos números acima apresentados, levantam-se algumas hipóteses que podem ajudar a explicar tal situação. Uma delas está na proximidade entre os locais de moradia e trabalho. Sabe-se que nos bairros do setor centro-leste e sudeste estão importantes atividades comerciais e de serviços da metrópole. Deste modo, os moradores destes setores da cidade possuem maiores possibilidades de viabilizar o deslocamento casa-trabalho em menor fração de tempo, o que eleva o indicador de mobilidade. Porém, conforme nos esclarece Villaça (2001) a acessibilidade é modificável não somente com base na localização do imóvel em relação a áreas privilegiadas, segundo o autor deve-se levar em consideração os transportes utilizados e a infraestrutura de circulação disponível.

Percebe-se que as áreas de ponderação da metrópole com melhores indicadores de mobilidade coincidem com bairros onde estão concentradas as categorias sócio-ocupacionais com maior renda. Pode-se pressupor que os moradores destas áreas detenham maior capacidade financeira para adquirir automóveis particulares e deste modo aumentar as probabilidades de empregar menos tempo em seus percursos em direção aos locais de trabalho (quando comparado aos trabalhadores usuários de transporte público) ⁴.

Situação inversa verifica-se nas áreas de menos prestígio social, localizadas na periferia geométrica e social da cidade de Fortaleza. Entre os bairros com índices de mobilidade ruim e péssimo estão: Siqueira (0,024), Granja Lisboa (0,245), Conjunto Esperança (0,287), Granja Portugal (0,405), Canidezinho (0,420) e Prefeito José Walter (0,498). Além da distância física entre os bairros periféricos e os bairros com maior concentração de atividades comerciais e outros serviços, considera-se que uma parte significativa dos moradores desses bairros utiliza o transporte público ou recorrem a

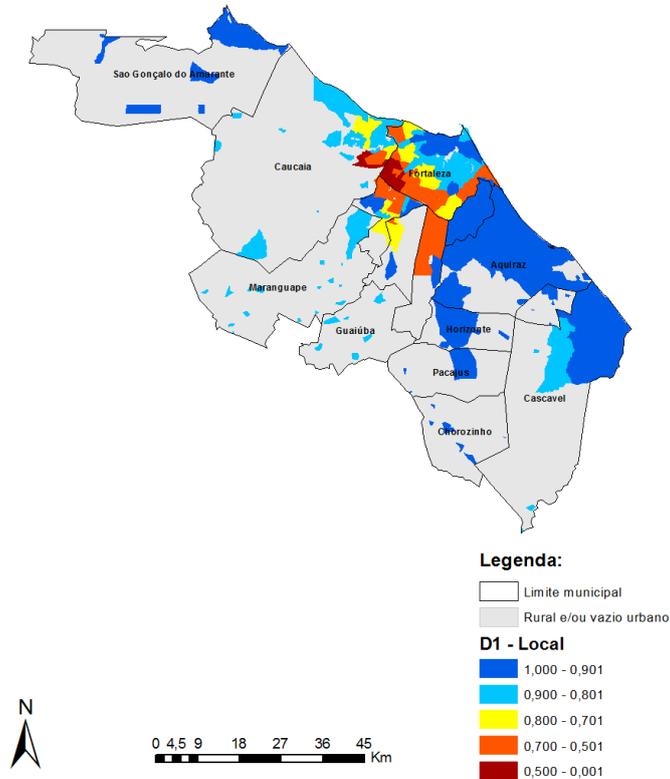
⁴ Compreende-se que os transportes públicos em Fortaleza, por possuírem trajetos mais rígidos (entre outros problemas como atrasos, elevada demanda, preço passagens), podem dificultar o acesso dos trabalhadores em desvantagem econômica aos seus locais de trabalho.

formas alternativas de transporte como a bicicleta. Conforme detectou França (2011) ao estudar a mobilidade dos trabalhadores no bairro Bom Jardim, uma parte significativa dos seus moradores utiliza a bicicleta como meio de transporte *“para se livrarem do encargo financeiro da passagem de ônibus, revertendo-o como complementando baixo salário que recebem”* (p. 111).

Já os trabalhadores que utilizam os transportes coletivos (no caso de Fortaleza, especialmente, os ônibus), na maioria dos casos recorrem aos terminais do Sistema Integrado de Transporte (onde ocorre a integração física e tarifária). Apesar de possibilitar a diminuição dos custos de deslocamento, essa opção pode prolongar o percurso diário.

No que se refere aos municípios periféricos, deve-se analisar os resultados considerando suas peculiaridades. No caso dos municípios situados na periferia imediata da metrópole (ou franja metropolitana), especialmente os bairros Conjunto Metropolitano (0,438), Marechal Rondon (0,439) e Araturi (0,468), Nova Metrópole (0,510) do município de Caucaia e Distrito Industrial (0,631) e Novo Oriente (0,637) de Maracanaú a situação se assemelha a dos bairros periféricos da capital. São áreas que correspondem a grandes conjuntos habitacionais e além da proximidade física com o polo metropolitano, possui uma oferta de transporte (ônibus, vans e metrô) que fortalece a integração com o polo. Porém, as distâncias desses bairros em relação às áreas centrais de Fortaleza, fazem com que os percursos casa-trabalho sejam longos.

Mobilidade Urbana (D1 - Local) - Região Metropolitana de Fortaleza - 2010



Quanto aos municípios periféricos que apresentam resultados bons e excelentes nos indicadores de mobilidade (Pacajus, Horizonte, Aquiraz, Eusébio, Cascavel, Pindoretama e São Gonçalo do Amarante) deve-se considerar que seus territórios possuem uma área urbana reduzida, o que possibilita um deslocamento casa-trabalho em menor fração de tempo. O crescimento dos postos de trabalho em atividades industriais nesses municípios também, deve ser considerado.

2.3.2 Condições Ambientais Urbanas (D2)

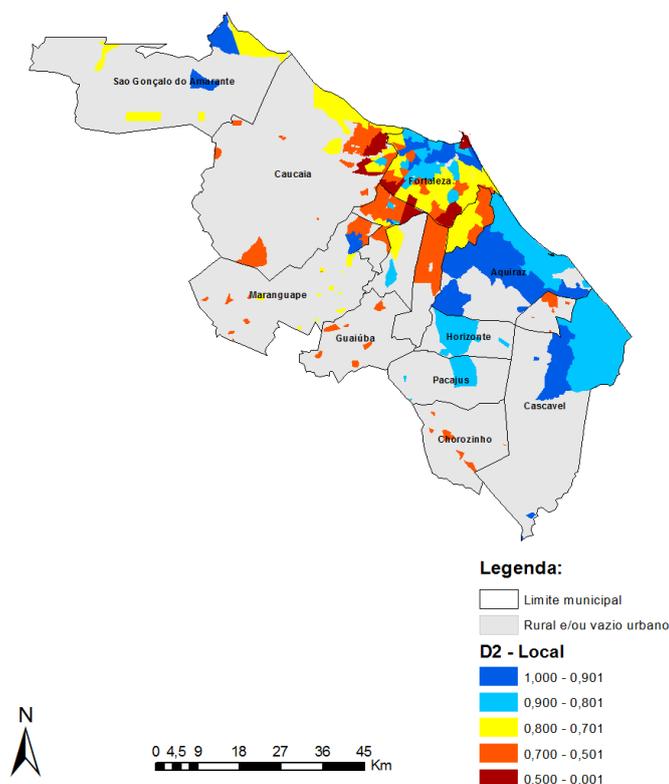
Na elaboração da dimensão dois do IBEU foram utilizados os seguintes indicadores: *arborização no entorno do domicílio*, *esgoto a céu aberto no entorno do domicílio* e *lixo acumulado no entorno do domicílio*. As áreas de ponderação com indicadores considerados excelentes foram: Fátima (0,959), Joaquim Távora (0,958),

Meireles (0,946) e Aldeota (0,916) em Fortaleza. Diante dos números, nota-se a continuação da sobreposição entre as áreas com melhores indicadores e os bairros de maior prestígio social na capital.

Já ao analisar as áreas com indicadores considerados bons, percebe-se uma predominância no setor oeste da cidade, entre elas, áreas que apresentaram IBEU considerado médio, como: Antonio Bezerra (0,866), Barra do Ceará (0,843) e Carlito Pamplona (0,842). Os resultados decorrem, sobretudo, da baixa presença de esgotos a céu aberto e lixo acumulado no entorno dessas áreas residenciais.

Já entre as áreas de ponderação que apresentaram os piores indicadores, destacaram-se as correspondentes aos bairros: Ancuri (0,479) e Canidezinho (0,489) com indicadores considerados péssimos; Planalto Ayrton Senna (0,510), Vicente Pinzon (0,518), Siqueira, (0,520) e Bonsucesso (0,569) com indicadores considerados ruins. Nestes casos, as condições ambientais seguem a tendência de resultado negativo já verificada no IBEU local.

Condições Ambientais Urbanas (D2 - Local) - Região Metropolitana de Fortaleza - 2010



Entre os municípios periféricos, alguns setores dos municípios de Maracanaú, São Gonçalo do Amarante, Cascavel e Aquiraz também atingiram níveis excelentes conforme evidencia o mapa. Porém, em Caucaia, Maracanaú e Itaitinga verificam-se extensas áreas de ponderação com indicadores considerados ruins e péssimos.

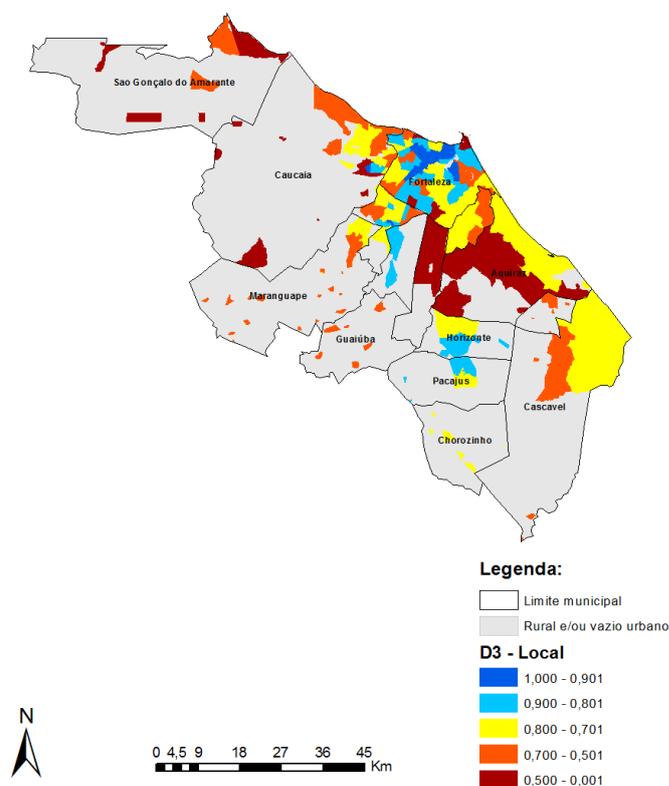
2.3.3 Condições Habitacionais (D3)

Na construção desta dimensão do IBEU foram utilizados como indicadores: *aglomerados subnormais, densidade domiciliar, densidade morador/banheiro, material das paredes de domicílio e espécies de domicílio.*

Assim como as dimensões 1 e 2 do IBEU, as condições habitacionais na escala intrametropolitana encontram maior diversidade na tessitura urbana da cidade de Fortaleza. É possível neste recorte espacial constatar as áreas de ponderação com maior homogeneidade de domicílios com características próximas ao ideal estabelecido para a estrutura física da habitação. Todavia na mesma cidade, evidenciam-se índices preocupantes em quatro recortes: em dois subespaços litorâneos e dois outros nos limites interioranos. No litoral leste, o caso mais evidente é do espaço localizado no entorno da área portuária do Mucuripe, como Vicente Pinzon (0,476), localização historicamente habitada por trabalhadores da zona portuária e outras categorias sócio-ocupacionais também de baixa renda. O contexto ora descrito demonstra a diferenciação socioespacial na metrópole, haja vista, a área anteriormente mencionada estar rodeada de bairros com os melhores índices em destaque (bairros Praia de Iracema, Meireles, Praia do Futuro e Dunas).

Já no litoral oeste, Cristo Redentor (0,447) destaca-se negativamente. Esta área de ponderação localiza-se no Grande Pirambu, uma das primeiras favelas de Fortaleza, com surgimento na década de 1950, período em que se verificou elevado crescimento populacional na Capital.

Condições Habitacionais Urbanas (D3 - Local) - Região Metropolitana de Fortaleza - 2010



Nos demais municípios metropolitanos os recortes espaciais com índices mais elevados são detectados nos municípios de Caucaia, Maracanaú, Pacatuba, Horizonte e Pacajus. Nos três primeiros, as áreas correspondem a conjuntos habitacionais construídos nas três últimas décadas do século passado. Para o caso de Horizonte e Pacajus é preciso mencionar que neste caso, tais municípios conformam um dos principais eixos industriais do Estado e desta forma, acredita-se, que o processo de urbanização foi seguido do aumento da renda média familiar, fator preponderante para propiciar melhoramentos nas condições habitacionais da população destes municípios.

As áreas com precariedades mais evidentes nesta dimensão estão situadas nos municípios de Aquiraz, Caucaia, Itaitinga e São Gonçalo do Amarante. Em comum, estes subespaços tem a característica de enquadrar-se como sede de distritos com baixa densidade populacional e baixos rendimentos monetários por domicílio. Pode-se dizer que formam um conjunto de localidades cuja população tem como atividades econômicas predominantes as atividades agropecuárias de subsistência, o circuito

inferior do terciário (pequenos estabelecimentos comerciais e autônomos) e os empregos vinculados aos serviços públicos municipais (servidores públicos). Mesmo em menor número, ainda hoje, nestes subespaços é possível encontrar várias famílias que residem em casas feitas de taipa com telhado de palha e sem banheiro interno a residência.

2.3.4 Serviços Coletivos (D4)

Se a dimensão *condições habitacionais* está diretamente relacionada às características socioeconômicas dos domicílios, a dimensão *serviços coletivos urbano* é estritamente vinculada a capacidade das administrações municipais de prover aos seus habitantes serviços essenciais ao bem viver no espaço urbano. Para o cálculo desse indicador foram utilizadas as características: *atendimento de água, atendimento de esgoto, atendimento de energia e coleta de lixo*.

No que se refere ao atendimento de água, atendimento de esgoto, coleta de lixo e atendimento de energia, o espaço intraurbano de Fortaleza, em quase sua totalidade, apresenta índices superiores a 0,701. Percebe-se ainda, que as áreas com melhores índices coincidem com o conjunto de áreas de ponderação onde se concentram as categorias sócio-ocupacionais médias e superiores (na porção urbana centro-litoral leste), entre eles Meireles (0,996) e Aldeota (0,962).

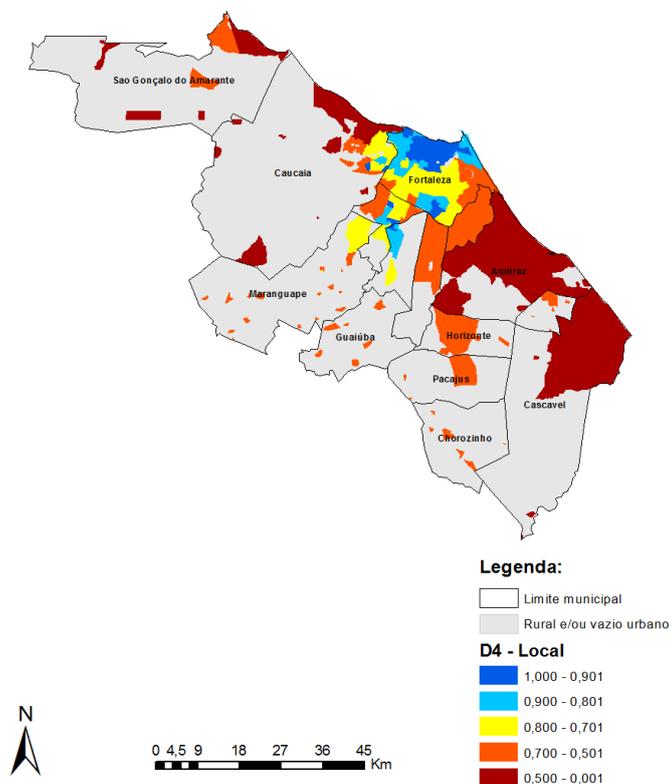
Os bairros com índice entre 0,500 e 0,800, correspondem aos espaços de expansão urbana, na maioria, não atendidos com condições ideais de esgotamento sanitário⁵, entre eles Passaré (0,711), Dias Macedo (0,700), Messejana (0,674) e Luciano Cavalcante (0,666).

Exceto a capital, o subespaço metropolitano com índices adequados nesta dimensão é constatado nas áreas no entorno do I Distrito Industrial do Ceará em Maracanaú (nos anos 1960), justamente onde o governo estadual construiu conjuntos habitacionais com infraestrutura básica para recepcionar os trabalhadores na zona industrial (no final dos anos 1970)⁶.

⁵ De acordo com o ranking de saneamento divulgado pela organização Trata Brasil, dados de 2010, a rede de saneamento de Fortaleza atende apenas 48,30% dos domicílios. Para mais detalhes consultar <http://www.tratabrasil.org.br/datafiles/uploads/pdfs/Tabela-Ranking.pdf>.

⁶ “Os conjuntos habitacionais de Maracanaú, construídos entre os anos de 1979 e 1983, são os seguintes: Conjunto Jereissati, este dividido em cinco setores: A, B, C, D e E, constituindo o maior aglomerado populacional do Município, com cerca de 40 mil habitantes; Conjunto Novo Maracanaú, com uma população de aproximadamente sete mil pessoas; e Conjunto Novo Oriente, o menor deles, mas com uma população na ordem de quatro mil habitantes pessoas; Conjunto Industrial, com uma média de sete mil

**Atendimento de Serviços Coletivos Urbanos (D4 - Local)
Região Metropolitana de Fortaleza - 2010**



É possível observar que os municípios de Cascavel, Aquiraz, Caucaia e São Gonçalo do Amarante apresentam IBEU-Local inferior ou igual a 0,500. Todos são municípios litorâneos e apesar de atraírem empreendimentos turísticos e imobiliários em suas respectivas orlas, não há investimentos públicos proporcionais no que tange, principalmente, à expansão da rede de coleta e tratamento de esgoto, assim, como água tratada. O único caso de localidade litorânea com sistema de tratamento de esgoto localiza-se na sede do distrito de Pecém (São Gonçalo do Amarante), onde também está situado o Porto homônimo.

A coleta de lixo e acesso a energia elétrica são serviços praticamente universalizados no perímetro urbano dos municípios. Todavia as municipalidades e o governo estadual, através de sua Companhia de Água e Esgoto (CAGECE),

moradores; Conjunto Acaracuzinho, por volta de oito mil habitantes; Conjunto Timbó, quase doze mil". (CARVALHO, 2009, p. 101-102, dados do censo de 2000)

demonstram incapacidade na efetivação de um plano de expansão da rede de tratamento de esgoto. A principal alegação é o custo das obras e a ausência de recursos públicos suficientes. Tal avaliação não se sustenta, na verdade, percebe-se, que, historicamente, tais serviços não alcançaram, nas premissas dos governos, status de política pública urgente.

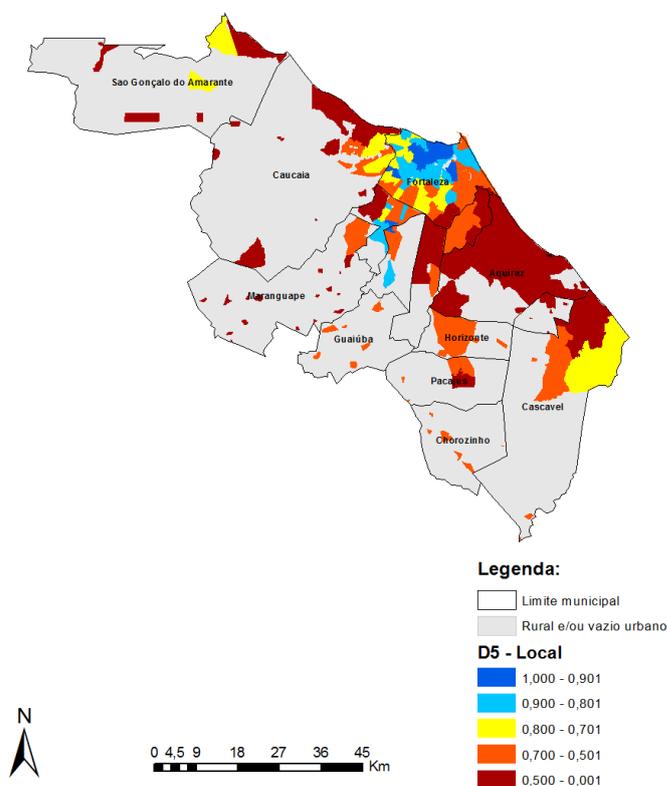
3.3.5 Infraestrutura (D5)

A dimensão do IBEU *infraestrutura* considera as características básicas do entorno de domicílios situados em aglomerações de natureza urbana: *iluminação pública, pavimentação do logradouro, calçada, meio fio, bueiro/boca de lobo, rampa para cadeirantes e identificação do logradouro*. Assim, como a dimensão *serviços coletivos*, essa depende de investimentos públicos, essencialmente municipais. Desta maneira, há intensa semelhança com os resultados obtidos na avaliação da dimensão anteriormente mencionada, principalmente para o caso intraurbano de Fortaleza.

Analisar essa dimensão para os demais municípios metropolitanos requer informar acerca de três contextos morfológicos constituintes do território destas unidades da federação: a aglomeração sede (a cidade), os aglomerados sede de distritos, e os trechos urbano-costeiros. O primeiro contexto urbano agrega as melhores condições nesta dimensão. No caso dos demais fragmentos urbanos, são rarefeitas as subáreas que agreguem todos os indicadores dessa dimensão, muito pelo contrário. Nos distritos e ocupações litorâneas dos municípios de Cascavel, Caucaia, São Gonçalo do Amarante e Aquiraz são comuns ruas sem pavimentação e sistema de drenagem de água pluvial.

Destaca-se o caso dos espaços litorâneos à medida que estas espacialidades nas últimas décadas têm recebido recursos milionários tanto da iniciativa pública como privada para estruturação de empreendimentos turísticos e imobiliários destinados a moradia e o lazer. Entretanto, na maioria, os recursos são focados no entorno dos empreendimentos, em detrimento de logradouros públicos das chamadas comunidades litorâneas (PEREIRA, 2013).

Infraestrutura Urbana (D5 - Local) - Região Metropolitana de Fortaleza - 2010



4 Conclusões

No quadro de desigualdades intrametropolitanas existentes na RMF verificou-se através do IBEU que um número reduzido de bairros apresenta índices de bem-estar classificados entre excelente e bom, esses bairros estão localizados exclusivamente em Fortaleza. Enquanto na periferia metropolitana, de uma maneira geral, ainda permanecem as piores condições de bem-estar urbano na RMF.

Desta maneira, mesmo que se elevem críticas à quantificação ou a indicadores, a análise dos resultados sintetizados no IBEU tem uma relevante função de evidenciar a necessidade urgente de planejamento na escala metropolitana. A integração metropolitana deve ser constituída não somente de fluxos de mercadorias, capitais e pessoas, mas também, de políticas públicas (deposição adequada de resíduos sólidos,

transporte coletivo, sistemas de saneamento básico e tratamento de água) compartilhadas entre as municipalidades componentes da RMF.

Referências Bibliográficas

ACCIOLY, V. M. **Planejamento, planos diretores e expansão urbana: Fortaleza 1960-1992**. 2008. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) – Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal da Bahia, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2008.

ANDRADE, M. C. **O nordeste e a questão regional**. 2ª ed. São Paulo: Ática, 1993.

BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). **Regiões de influências das cidades 2007** - REGIC. Rio de Janeiro, 2008.

BRASIL. Instituto de Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). **Sinopse preliminar do censo demográfico 2010**. Rio de Janeiro: IBGE, 2011.

CARVALHO, K. **Territórios Produtivos: Estudo geográfico do I Distrito Industrial do Ceará**. 2009. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Estadual do Ceará. Fortaleza: Universidade Estadual do Ceará, 2009.

FRANÇA, C. F. de S.. **Acessibilidade e direito à cidade: um estudo sobre a mobilidade espacial urbana dos moradores do bairro Bom Jardim**. 2011. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Programa de Pós-graduação em Geografia da Universidade Estadual do Ceará, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2011.

INCT/Observatório das Metrôpoles. **Metrôpoles em número: crescimento da frota de automóveis e motocicletas nas metrôpoles brasileiras 2001/2011**. Relatório. Rio de Janeiro, 2012.

IPECE. **Perfil Básico Regional 2012: Região metropolitana de Fortaleza**. Fortaleza, 2012. Disponível em http://www2.ipece.ce.gov.br/estatistica/perfil_regional/Perfil_Regional_R1_RMF_2012.pdf. Acessado em 10 ago 2013.

PEQUENO, Luis Renato Bezerra. *Como anda Fortaleza*. Rio de Janeiro: Letra Capital/Observatório das Metrôpoles, 2009.

PEREIRA, A. Q. **A vilegiatura marítima na metrópole: morfologias e tipologias espaciais**. In: PEREIRA, A. Q, *et al* (Orgs.). *Maritimidade na Metrópole: estudos sobre Fortaleza-CE*. 1ed.Porto Alegre: Editora Liro, 2013, v. 1, p. 9-47. Disponível em <http://www.moodlelivre.com.br/e-book/ebook-maritimidade-na-metropole-estudos-sobre-fortaleza>. Acessado em 20 nov 2013.

RIBEIRO, Luiz C. Queiroz, RIBEIRO, Marcelo G.. (orgs). **IBEU: índice de bem-estar urbano**. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2013.

SANTOS, M.; SILVEIRA, M. L. **O Brasil: território e sociedade no início do século XXI**. 12ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2008.

SILVA, J. B. Região metropolitana de Fortaleza. In: SILVA, J. B. *et al* (orgs.). **Ceará: um novo olhar geográfico**. Fortaleza: Ed. Demócrito Rocha, 2007. pp. 101-124.

SPOSITO, M. Encarnação Beltrão . **A produção do espaço urbano**: escalas, diferenças e desigualdades socioespaciais. In: CARLOS, Ana F. A.; SOUZA, Marcelo L.; SPOSITO, M. Encarnação B.. (Org.). **A produção do espaço urbano: agentes e processos, escalas e desafios**. São Paulo: Contexto, 2011, v. , p. 123-145.

VILLAÇA, F. **Espaço intra-urbano no Brasil**. 2. ed. São Paulo: Studio Nobel/FAPESP/Lincoln Institute, 2001.